

## DA CONTEMPORANEIDADE DAS ARTES VISUAIS ÀS CONTRADIÇÕES DA SALA DE AULA: A FALA DOCENTE

Carolina Pinheiro Zanoni / UDESC  
Jéssica Natana Agostinho / UDESC  
Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva / UDESC

### RESUMO

Pretendemos abordar aspectos contemporâneos das Artes Visuais e a partir deles problematizar as dificuldades enfrentadas em sala de aula pelos professores dessa disciplina. Compreendemos que questões que estavam superadas no discurso acadêmico e na formação docente, como a polivalência e a permanência do Ensino de Arte obrigatório na escola, voltam a ser tema de debate e que esse retrocesso atrasa a qualidade da experiência estética dos estudantes. Partimos de um estudo desenvolvido com egressos dos cursos de licenciatura em Artes Visuais de Santa Catarina com a intenção de diagnosticar as condições de trabalho existentes. Como resultado pudemos identificar a complexidade e o desafio constante presente no Ensino de Artes na Educação Básica, percebendo as dificuldades que atravancam a qualidade do trabalho docente.

### PALAVRAS-CHAVE

Artes Visuais; Egresso; Licenciatura; Trabalho.

### Introdução

Em um cenário contemporâneo complexo e de contradições, a Arte vem desde as décadas de 1950 e 1960 se inserindo no contexto social de forma a produzir debates a partir das mudanças que emergem no avanço do capitalismo. Rosana Paulino, em entrevista para Kátia Canton (2011), afirma que "O artista deve sempre trabalhar com as coisas que o tocam profundamente" (2011, p. 31). Embora a prática social possa ser o ponto de partida, podemos dizer que na escola é preciso transformar as condições de exploração em condições de libertação. Como aborda Saviani (2007), a prática social inicial precisa ser transformada, modificada, melhorada a partir da ampliação crítica dos conhecimentos.

Na formação como professoras de Arte, nos deparamos com o discurso de que o desenvolvimento das práticas educativas de arte contemporânea na Educação Básica é ainda entendido como um obstáculo a ser superado. Diversas vezes esse discurso é acompanhado do argumento de que grande parte desse obstáculo estaria

ligado à negligência do conteúdo por parte dos professores. Outro aspecto diz respeito à produção de material visual<sup>1</sup> - didático ou não - acessível ao professor, cujo conteúdo refere-se principalmente à arte antiga e moderna. Este fato dificulta o conhecimento das problemáticas, conceitos e reflexões propostas por artistas e teóricos, bem como a problematização dos aspectos políticos subjacentes à arte contemporânea. "A arte concretizada numa obra aberta permite ao fruidor conhecer e se reconhecer no mundo, situar-se na sua contemporaneidade, reafirmando a inteligibilidade dela" (PEIXOTO, 2003, p. 91).

Que condições são dadas aos professores da rede básica para abordar a Arte Contemporânea no Ensino de Arte? Pretendemos aqui abordar as dificuldades narradas por egressos dos cursos de Artes Visuais que atuam em Santa Catarina de forma a entender as condições de trabalho em que estes estão submetidos e como interferem na sua atuação.

O presente estudo se vincula aos estudos produzidos pelo projeto em rede "Observatório da formação de professores no âmbito do Ensino de Arte: estudos comparados entre Brasil e Argentina". O projeto de 2011, mapeou a oferta de formação em Artes Visuais no Brasil e na Argentina, investigando: Projetos Pedagógicos, Matrizes Curriculares e programas disponíveis, sobre esse tema ver: Fonseca da Silva (2017, 2018, 2019). Passado esse primeiro momento (2011-2018), iniciamos o mapeamento do perfil do egresso das instituições analisadas com o objetivo de problematizar as condições de trabalho.

### **Descrição dos dados**

Elaboramos um questionário online através da ferramenta Google Forms, intitulado "As condições de trabalho e do ensino de Arte em Santa Catarina", para analisar as condições dos egressos que atuam na rede pública.

ZANONI, Carolina Pinheiro; AGOSTINHO, Jéssica Natana; FONSECA DA SILVA, Maria Cristina da Rosa. Da contemporaneidade das artes visuais às contradições da sala de aula: a fala docente, Resumo Expandido In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2895-2901.

O questionário recebeu 51 respostas e destas analisaremos as vinculadas ao campo das Artes Visuais (28) e Educação Artística (10), além de uma participante graduada em Arte-Educação. As questões foram divididas em 22 objetivas e duas dissertativas, sendo o segundo grupo o foco da análise deste estudo. Uma destas questões indagou aos participantes: "Quais os principais desafios em ser Professor(a) de Artes?"

Buscamos, então, encontrar os desafios em comum nas diversas respostas. Assim, com os dados em mãos, grifamos com diferentes cores as palavras que se repetem e sintetizam conceitualmente o desafio apontado. Nesse processo, pudemos identificar 6 palavras orientadoras da análise: Materiais, Espaço, Valorização, Alunos, Capacitação e Carga-horária.

A carência relativa à disponibilidade de materiais é o tópico com maior recorrência, sendo indicado por 16 docentes. A dificuldade é apontada tanto em relação à falta de materiais destinados às aulas práticas, quanto à disponibilidade de materiais didáticos de qualidade.

Outros dados coletados pelo questionário indicam que a maior parte dos professores participantes da pesquisa atua em escolas públicas, no âmbito estadual (20), municipal (10) e federal (6). Apenas 4 trabalham em escolas privadas e, nessas escolas, a questão material encontra-se sanada: nenhum deles a indicou como problemática e todos apontaram que a demanda é suprida pela escola mediante a cobrança de mensalidades. Na educação pública a situação difere. Quando questionados sobre a origem dos materiais artísticos necessários, 9 professores assinalaram a resposta "Não há materiais e instrumentos disponíveis", indicando a insuficiência de recursos, sendo que 8 destes atuam na rede estadual de ensino. Em um cenário de precariedade, as estratégias mais utilizadas para suprir a demanda material são: ações sociais realizadas pelas escolas, contribuição dos estudantes e

os próprios docentes arcando com as despesas. Ao todo, 13 professores indicaram custear seu material de trabalho.

O obstáculo correspondente à precariedade dos espaços físicos destinado às aulas de artes é apontado em 13 respostas. Ao todo, 22 professores indicaram que as escolas nas quais atuam não possuem espaço específico para a aula de artes. Os outros 18 professores afirmaram que a escola dispõe de uma sala, algo que, no entanto, não garante sua qualidade - 2 indicaram que suas condições são ruins ou péssimas.

Entre as 13 respostas, destacamos a de uma professora da rede federal de ensino, salientando que o espaço conquistado para a Arte está em contínuo risco. Para ela, o desafio é: “Explicar constantemente as necessidades da disciplina. Em especial manter a sala que conquistei a duras penas.” Outra fala analisada, proferida por uma professora municipal, demonstra que, mesmo em projetos para novos prédios, o espaço para a disciplina é negligenciado.

O anseio pela valorização da disciplina de Artes foi apontada por 12 participantes. Aparecem algumas variantes, como a palavra *desvalorização* e também a palavra *importância*.

A resposta de uma professora da rede estadual, apesar de não conter as palavras-chave apontadas acima, indica um cenário de desvalorização generalizada: “Gestão acreditar que o professor de Arte é o faz tudo da escola.” Outra professora, que atua na rede federal, aponta: “A cada ano é necessário lembrar aos colegas/gestores/pais, a importância das aulas de Artes para a formação integral dos alunos.”

A relação com os alunos é destaque em 8 respostas: o número de alunos em sala de aula, a relevância da disciplina para alunos que repetiram de ano, o engessamento conceitual que os estudantes carregam, a desmotivação do corpo

discente e problemas disciplinares. Esses fatores podem ser vistos como associados à desvalorização conjunta do trabalho docente em geral e da docência em artes especificamente.

A busca pela continuidade da formação é indicada como desafio somente por 4 professores. Essa questão está relacionada à busca pela ampliação do conhecimento através da pós-graduação e participação em oficinas gratuitas. Deve ser levado em conta que o grupo participante da pesquisa possui um elevado grau de instrução. Das 40 respostas em análise, 27 indicaram continuidade nos estudos através do ingresso em cursos de pós-graduação, sendo 15 em especializações, 6 em mestrados e 6 em doutorados. Isto se relaciona à outros dados obtidos: ao todo apenas 6 professores não participaram de cursos de formação continuada e 21 afirmaram que a escola na qual atuam incentivam a participação nesse tipo de curso. É possível que os profissionais alcançados pela pesquisa, estando relativamente próximos a um círculo social acadêmico, reflitam uma condição de formação diferente da maioria dos professores trabalhando no ensino de Artes em Santa Catarina. Essa defasagem é corroborada pelos estudos de Hillesheim (2018), relativos à rede estadual de ensino. Sua pesquisa aponta que somente 26% dos professores da disciplina possuem formação em licenciaturas da área artística. O estudo também diagnostica que 40% dos professores que ensinam arte se graduaram unicamente em Pedagogia.

A pequena carga-horária destinada à Arte nos currículos é indicada como problema em 3 respostas. Um deles comenta: “temos apenas uma aula de artes no ensino regular, fazendo com que eu tenha um total de 25 turmas”. A maior parte dos professores que responderam o questionário indicam atuar em mais de uma escola: 17 deles em duas escolas diferentes e 6 em três ou mais. Essa dificuldade de atribuição da carga-horária gera ônus aos professores, que demandam mais tempo de deslocamento entre as unidades de ensino e acumulam um número expressivo de turmas.

## Conclusão

A pesquisa analisou as condições de trabalho no ensino de arte, a partir das narrativas dos professores que ministram a disciplina no estado de Santa Catarina. Sabemos que muitas das dificuldades atingem não só o ensino de arte, mas todas as disciplinas presentes no currículo. Uma hipótese é a falta de investimento e de políticas públicas que financiem o sistema educacional. Outra hipótese é a de que durante a formação nas licenciaturas, esse quadro descrito pelos professores seja pouco considerado nas estratégias de docência e no fortalecimento da organização política da categoria. Outros aspectos como a polivalência e a intermitente defesa do Ensino de Arte na escola precisam voltar à ordem do dia nas universidades, pois caso contrário continuaremos no fosso existente entre teoria e prática, tendo como ponto de partida uma realidade idealizada.

Percebe-se que há uma luta constante no ensino de arte. Como principais dificuldades destacam-se a carência de materiais, a precariedade da estrutura destinada à disciplina, a desvalorização da Arte, a indisciplina e desvalorização profissional por parte dos alunos, a falta de oportunidade para ampliar a formação e a carga-horária reduzida, causando interferências no desenvolvimento de um trabalho de melhor qualidade.

Além de todos os aspectos apresentados pelos professores, não é possível desconsiderar o momento político em que o país se encontra. É notória a tendência de que o cenário de precariedade da educação pública continue se agravando. Assim, além de todos os desafios postos ao professor de se atualizar e relacionar-se com o contexto contemporâneo, no atual estado de exceção precisamos resistir e defender a permanência do Ensino de Artes na escola e a permanência dos saberes de Artes Visuais.

## Notas

1 Sobre o tema dos conteúdos que chegam na sala de arte, vinculados às definições do mercado de arte ver Hillesheim (2018).

ZANONI, Carolina Pinheiro; AGOSTINHO, Jéssica Natana; FONSECA DA SILVA, Maria Cristina da Rosa. Da contemporaneidade das artes visuais às contradições da sala de aula: a fala docente, Resumo Expandido In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2895-2901.

## Referências

CANTON, Kátia. **Da Política às Micropolíticas**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FONSECA DA SILVA, Maria Cristina da Rosa. Políticas e currículo na licenciatura em artes visuais: pesquisas do Observatório da Formação de Professores no âmbito do Ensino de Arte (OFPEA/BRARG). **Revista Espaço do Currículo**, Paraíba, v. 12, n. 5. 2019.

\_\_\_\_\_. Índícios de Incêndio: Políticas e Formação para o Ensino de Artes. In: Queiroz, João Paulo & Oliveira, Ronaldo (org.). **Índícios de Incêndio: Políticas e Formação para o Ensino de Artes**. 1ed. Lisboa - Pt: Universidade de Lisboa, v. 01, p.119-130, 2018.

\_\_\_\_\_. Educação estética: contribuições para pensar a formação de professores de artes. **Art Research Journal**, v. 5, p.78-96, 2017.

HILLSHEIM, Giovana Bianca Darolt. **Mercado de arte e sua interface com o trabalho docente: estratégias do capitalismo cultural**. 2018. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

PEIXOTO, Maria Inês Hamann. **Arte e Grande Público: a distância a ser extinta**. Campinas: Autores Associados, 2003.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. Edição Comemorativa. Campinas: Autores Associados, 2007.

### **Carolina Pinheiro Zanoni**

Aluna do curso de Licenciatura em Artes Visuais, na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Bolsista de Iniciação Científica do projeto “Observatório da formação de professores no âmbito do ensino de artes”, desde 2017. Atuou como bolsista de extensão do Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores, desenvolvendo atividades junto ao projeto Família no Museu, propondo mediações voltadas às famílias que têm em seu meio pessoas com deficiência. Contato: carolina.zanoni@hotmail.com.

### **Jéssica Natana Agostinho**

Aluna do curso de Licenciatura em Artes Visuais, na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Bolsista de Iniciação Científica do projeto “Observatório da formação de professores no âmbito do ensino de artes”, desde 2017. Atuou como bolsista do projeto PIBID Interdisciplinar, desenvolvendo jogos e materiais didáticos voltados aos alunos deficientes de escolas municipais de Florianópolis. Contato: jessica.agostinhoo@gmail.com.

### **Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva**

Professora doutora do Departamento de Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Atua na Licenciatura em Artes Visuais e nos Programas de Pós-Graduação em: Artes Visuais, Educação e no PROFARTES. Coordena o projeto em rede Observatório da Formação de Professores no âmbito do Ensino de Arte: estudos comparados Brasil e Argentina. É Diretora Geral do Centro de Artes da UDESC e membro do CEAV da ANPAP. Contato: cristinaudesc@gmail.com.

ZANONI, Carolina Pinheiro; AGOSTINHO, Jéssica Natana; FONSECA DA SILVA, Maria Cristina da Rosa. Da contemporaneidade das artes visuais às contradições da sala de aula: a fala docente, Resumo Expandido In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2895-2901.